

# Produção estagnada

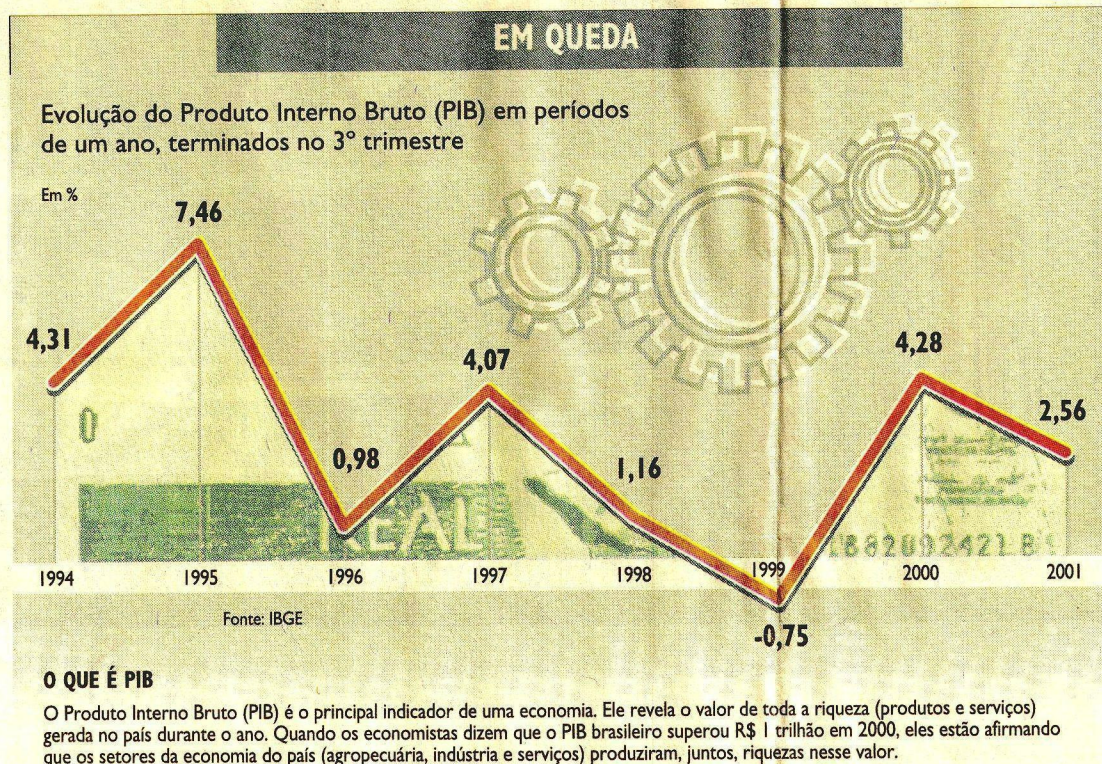
Da Redação  
Com Agência Estado

A produção brasileira está sentindo os efeitos das crises de energia e da Argentina, que provocou alta de 30% na cotação do dólar este ano. O produto Interno Bruto (PIB — *leia mais no quadro abaixo*) cresceu apenas 0,34% no terceiro trimestre deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. Um crescimento tão pequeno mostra que a produção do país está estagnada. Há outro número que comprova esse fato.

Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o crescimento da produção nacional no terceiro trimestre deste ano em relação ao segundo trimestre é quase invisível: 0,05%. Normalmente há crescimento bem maior na comparação desses períodos, porque nos meses de julho, agosto e setembro as empresas começam a aquecer as turbinas para o período de maior consumo do ano, o Natal. Esses números pouco medem os efeitos dos atentados nos Estados Unidos, ocorridos no dia 11 de setembro.

De toda forma, pode-se dizer que há um lado bom nessa estagnação. O bom desempenho do setor agrícola e um impacto do racionamento de energia menos drástico do que se esperava, impediram que o Brasil entrasse em recessão até o momento. A agroindústria passa por um momento de crescimento continuado, o que vem segurando o desempenho geral da economia.

Mesmo registrando um ritmo lento do crescimento da economia por três trimestres consecutivos, o país ainda não caiu em recessão, que é caracterizada por dois trimestres consecutivos de queda no PIB. "Em termos gerais, em 2001 tem havido uma diminuição



uniforme no nível de atividade, mas todos os setores apresentaram taxas positivas de crescimento", disse Roberto Olinto, gerente de Contas Na-

cionais Trimestrais do IBGE. No primeiro trimestre do ano, o PIB cresceu 0,17% em relação ao período imediatamente anterior. Seguindo o mesmo tipo de comparação, no segundo trimestre, a taxa foi de 0,02% e no terceiro, 0,05%.

É por esse ângulo que o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, avaliou os números do IBGE. "A economia está mais forte do que se esperava." Para ele há um efeito reverso do pessimismo surgido com a crise de energia. "As expectativas ficaram excessivamente negativas no início, mas agora temos a reversão delas", disse.

De acordo com o

IBGE, o crescimento acumulado deste ano é de 2,17%. Mas não ficará assim. Para o economista-chefe do BBV Banco, Octavio de Barros, no último trimestre deste ano o desempenho pode cair um ponto percentual, o que levaria a uma taxa anual de 1,7%. Nesse período será mais forte o efeito da recessão americana, que se aprofundou depois dos atentados. De tudo o que o Brasil vende para o exterior, 25% vai para os Estados Unidos, país que está comprando menos por causa da crise.

Outro fator que chamou a atenção no cálculo do PIB no terceiro trimestre foi a queda de 2,43% na participação dos impostos sobre produtos em relação ao trimestre anterior. Desde o início do ano, essa participação está em queda, resultado da menor produção de setores sobre os quais incidem os principais tributos, como equipamentos eletrônicos, automóveis, máquinas e equipamentos pesados.

## CONTA DE LUZ PODE SUBIR 30%

*O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central divulgou ontem ata na qual estima reajuste de 30% nas contas de luz em 2002, por causa da crise energética. Para muitos economistas, esse é um sinal de que o Copom não baixará os juros tão cedo, o que dificultará a retomada do crescimento da produção brasileira. Juros baixos incentivariam a compra de produtos a prazo, o que ajudaria a reativar comércio e indústria. Atualmente a taxa básica de juros é de 19% ao ano no Brasil, uma das mais altas do mundo. Essa mesma taxa é de 2% nos Estados Unidos. A ata prevê, também, que o preço dos combustíveis deve cair 4,9% no ano que vem. O motivo é a queda do valor do barril de petróleo.*